

Reflexão

Na verdade, sou engenheiro, mas fui me tornando professor. Ao ingressar no magistério, não possuía conhecimento algum na área de pedagogia ou licenciatura. Foi o que se chama começar “com a cara e a coragem”. O convívio em sala de aula, aliado aos estudos que realizava, foi me transformando, até o momento em que percebi que há dois tipos de educadores: o que finge não perceber as dificuldades e aquele que as desafia. É, acho que a palavra é essa, desafio. A educação é feita de constantes desafios.

Lá estavam eles, prontos para atrapalhar minhas aulas, para dificultar o aprendizado dos alunos: os assustadores cálculos. Sim, porque determinadas contas com certos números põem medo até em gente grande. Alunos do Ensino Médio Profissionalizante do Curso Técnico de Eletromecânica manuseiam instrumentos, como paquímetro e micrômetro, capazes de realizar leituras de medidas com até três casas decimais. Então, esses são os números reais, os números com os quais teríamos de efetuar nossas contas, segundo Bigode, os chamados “números mal comportados”. E agora, o que fazer?

Pensei em como poderia introduzir uma dinâmica de aula em que fosse possível minimizar as dificuldades dos meus alunos no trato com as contas. Imediatamente adotei a prática do uso da calculadora em sala de aula durante as aulas e avaliações. Importava-me mais que os alunos pudessem entender o processo de dimensionamento das peças, mas me incomodava demais eles errarem as contas mesmo com auxílio do instrumento. Essa inquietação levou-me a desenvolver uma pesquisa com inserção da calculadora em sala de aula mediante o uso de atividades que despertassem o caráter instigador, sem torná-la um simples recurso verificador. Assim, foram planejadas tarefas que envolviam diferentes tipos de cálculos matemáticos, convergindo para a aplicação na disciplina de Tecnologia dos Materiais, específica do referido curso.

Por conta dessa pesquisa, em momentos diferentes da aula (como disse, a educação é feita de constantes desafios e você os encara ou não), implementei essas atividades num grupo de alunos que optou por participar desses encontros em que utilizaríamos a calculadora de uma maneira “diferente”. Sou suspeito em dizer, mas os encontros foram um sucesso e, assim, escolhi um dos momentos para compartilhar, a surpresa que aconteceu na atividade que envolvia as teclas de memória. Destaco uma pequena parte do diálogo entre mim, Gabi e Bryan:

Professor: Então, quem tem razão?

Gabi: Eu.

Professor: E agora?

Bryan: Ih, caraca!

Professor: E agora?

Gabi: Eu tenho razão.

Bryan: Qual o teu problema?

Gabi: Porque eu tenho razão. (risos)

Sou remetido novamente à questão dos desafios. O que pensar desse diálogo? Alguém teria razão? O teria se passado na mente do Bryan ao exclamar “ih, caraca!”? E quanto à Gabi com seus risos ao final? Certamente não sei responder essas questões, embora tenha minhas especulações. A certeza que tenho hoje e que carrego comigo é de Caso você utilize esse MCEO entre em contato conosco gepeticem@ufrj.br ou coloque suas contribuições no link comentários.



Instituto de Educação / DTPE
www.gepeticem.ufrj.br
Seropédica, RJ



que temos de manter nossos olhares atentos e nossas mentes abertas para não sermos aqueles professores que fingem não perceber as dificuldades presentes em sala de aula, sejam deles próprios em planejar uma aula diferente, sejam de seus alunos em verdadeiramente se interessar pelo que se pretende ensinar.

Caso você utilize esse MCEO entre em contato conosco gepeticem@ufrj.br ou coloque suas contribuições no link comentários.